

A progressão referencial e o uso da anáfora indireta na fala de adolescentes

(The Referential Progression and the Use of Indirect Anaphors in the Adolescents's Speech)

Rosa Maria Aparecida Nechi Verceze¹

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

rosa_nechi@hotmail.com

Resumo:

Este artigo procura discutir as estratégias de referenciação que estabelecem a coerência e a progressão referencial e tópica na fala de adolescentes, sobretudo na investigação da anáfora indireta (AI) constituída por expressões nominais definidas, indefinidas e por pronomes interpretados no âmbito da referenciação sem que haja correspondência a um antecedente ou subsequente explícito no co-texto. Examina o uso da anáfora indireta em situações de diálogo como forma de demonstrar a relevância de tais anáforas, bem como a contribuição para a construção e reconstrução do sentido na fala. Fundamenta-se em autores que abordam a referenciação, os objetos-de-discurso, os tipos de anáfora indireta e a interação e comprometidos com o estudo da referenciação enquanto processo de negociação na atividade discursiva: Marcuschi, Koch, Mondada, Mondada & Dubois, Schwarz, entre outros.

Palavras chaves: *cognição; linguagem; referenciação; objetos-de-discurso; anáfora indireta.*

Abstract

This article aims to discuss the referential strategies which establish the referential coherence and progression as well as the topic in the adolescents' speech. We concentrate on the inquiry of the indirect anaphora (IA) consisting by definite, indefinite nominal expressions and by interpreted pronouns in the referencing. All this, without any correspondence to a previous or posterior act explicit in the co-text. We also examine the use of indirect Anaphora in a dialogical situation as a way of demonstrating the relevance of such anaphors, as well a contribution to the construction and reconstruction of the sense in the speech. We base on authors who study the reference, the object of discourse, the types of anaphors. Scholars such as: Marcuschi, Koch, Mondada, Mondada & Dubois, Schwarz among others are important for our studies.

Key-words: *cognition; language; referencing; objects of the discourse; indirect anaphor.*

1 Introdução

A progressão referencial acontece na base de uma complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento estabelecida como centro no discurso. O encadeamento referencial organiza-se num sistema correlacionado a uma rede multidimensional, pois a progressão referencial ou continuidade referencial gerada pela referenciação, não implica a necessidade de retomada dos mesmos referentes, ou seja,

¹ Professora Assistente II do Departamento de Letras e Linguística Campus de Guajará-Mirim - RO

dos mesmos antecedentes anafóricos, nem sua manutenção, assim, a ligação linear da textualidade não é uma condição necessária, a textualização ocorre num processo de multilinearização. O procedimento anafórico o qual exige atividades inferenciais *retrospectivas* e *prospectivas* constitui um exemplo típico de multilinearização para a interpretação e compreensão textual.

Assim, o objetivo deste texto é investigar de que forma as estratégias de referenciação: anáforas pronominais e nominais contribuem para o desenvolvimento da continuidade referencial e tópica no texto falado por adolescentes, num trabalho cooperativo e partilhado.

O *corpus* faz parte da tese de doutorado: *Progressão Referencial e Tópica na Interação Discursiva entre Adolescentes* que venho desenvolvendo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Constitui-se de falas de adolescentes paulistanos com o registro de 21 situações de diálogos espontâneas. Os diálogos se alternam entre falas de menino/menina, menina/menina/menino, menino/menino, menina/menina. O universo pesquisado para formação do *corpus* constitui-se de adolescentes na faixa etária entre 14 e 17 anos, estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública e particular.

2 Referenciação e objetos-de-discurso

Marcuschi (2000), ao dizer que a linguagem é vista como uma atividade sócio-cognitiva quer dizer que o texto é um evento que concorre com ações de natureza lingüística, social e cognitiva. Assim, os objetos do mundo não são referentes sistematizados, tendo em vista que se caracterizam como objetos-de-discurso. A questão da relação entre processos referenciais (referenciação), progressão tópica e a coerência na atividade discursiva fundem-se numa atividade de interação e co-produção, operações em que os conhecimentos partilhados têm papel crucial, sobretudo, na fala.

Assim, a referenciação e os objetos-de-discurso tornam-se relevante para nossa compreensão, sobretudo, da importância do papel das estratégias de referenciação que desempenham funções decisivas por meio da progressão referencial e tópica no processo de construção da coerência discursiva.

Mondada (2001:9) sugere que a referenciação [...] *não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadores*. Koch (2005:34) postula que a referenciação constitui uma *atividade discursiva*. Os falantes, durante a interação verbal, colocam em operação o material lingüístico que possuem a sua disposição e realizam escolhas significativas para representar estados de coisas, visando à concretização de uma proposta de sentido. De modo que, as formas de referenciação e os **processos de remissão** textual realizados pela referenciação são escolhas feitas em função de um querer dizer.

A referenciação diz respeito a uma relação entre o texto e a parte não-lingüística da prática em que há a produção e interpretação. Estas práticas não são imputáveis a um sujeito cognitivo e solitário frente ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos nas relações intersubjetivas das negociações, modificações e ratificações de concepções individuais e públicas do mundo. (MONDADA 2001:20).

A referenciação consiste em um processo de negociação realizado no discurso, resultando da construção de referentes de modo diferente do uso atribuído pela literatura da semântica geral. A noção de referência ou a categoria de referir não é mais uma atividade de "etiquetar", um mundo existente e indicialmente designado e sim, uma atividade discursiva através da qual os referentes passam a ser objetos-de-discurso. Isto não significa, negar a existência do mundo extramental, uma vez que ele continua sendo a base para a **designação**. A questão não é postular uma teoria idealista na qual o mundo seria uma criação dos discursos, mas considerar a realidade empírica existente mais do que uma experiência estritamente sensorial e especular que é refletida pela linguagem e discretizada no processo de designação discursiva. Tal processo depende de um trabalho cognitivo realizado no discurso.

Marcuschi (2000) retoma Mondada e Dubois (1995, [2003:34]) para enfatizar a questão da discretização do mundo empírico e do trabalho cognitivo, levando a efeito uma discussão sobre o processo de produção discursiva:

[...] o processo de produção das seqüências de descritores em tempo real ajusta constantemente as seleções lexicais a um mundo contínuo, que não preexiste como tal, mas cujos objetos emergem enquanto entidades discretas ao longo do tempo de enunciação em que fazem referência. O ato de enunciação representa o contexto e as versões intersubjetivas do mundo adequadas a este contexto. [...] Em outros termos, a atividade cognitiva individual, ao nível psicológico, é, ela também uma atividade constante de categorização e não uma simples identificação e reconhecimento de objetos preexistentes.

Para Marcuschi e Koch (2002:37) *a referência é tida como aquilo que designamos, representamos ou sugerimos quando usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial*. Sustentam ainda que a designação discursiva depende de um trabalho de elaboração cognitiva que só se realiza no discurso.

É no interior das atividades discursivas que os interlocutores, elaboram objetos-de-discurso:

[...] entidades que não são concebidas como expressões referenciais em relação especular com objetos do mundo ou com representações cognitivas, mas entidades que são interativamente e discursivamente produzidas pelos participantes no fio de sua enunciação. Os objetos-de-discurso são, pois entidades constituídas nas e pelas formulações discursivas dos participantes: é no e pelo discurso que são postos, delimitados, desenvolvidos e transformados objetos de discurso que não preexistem a ele e que não têm uma estrutura fixa, mas que, ao contrário, emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva. (MONDADA, 2003:9).

Nesta perspectiva, o objeto-de-discurso é representado na linguagem por formas lingüísticas e é transformado, reelaborado progressivamente na dinâmica do discurso a depender das escolhas dos falantes sustentadas pelas suas versões de mundo e seus conhecimentos partilhados. Os objetos-de-discurso não constituem dados que se sustentam no discurso, emergem de uma criação de mundo sob um fundo existente - a realidade, e insere-se neste mundo pensável. Nesse sentido, os objetos constituem elementos aos quais o discurso faz referência por estar sustentado no discurso, gerado na enunciação, durante o processamento lingüístico.

3 Progressão referencial

A referenciação e a progressão referencial incidem na construção e reconstrução dos objetos-de-discurso. Mondada e Dubois (1995) enfatizam a questão da subjetividade e das práticas simbólicas que emergem dos objetos-de-discurso:

[...] na referenciação concebida como uma construção colaborativa de objetos-de-discurso – quer dizer, os objetos cuja existência é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas. [...] o processo de produção das seqüências de descritores em tempo real ajusta constantemente as seleções lexicais a um mundo contínuo, que não preexiste como tal, mas cujos objetos emergem enquanto entidades discretas ao longo do tempo de enunciação em que fazem a referencia. O ato de enunciação representa o contexto e as versões intersubjetivas do mundo adequadas a este contexto (1995 [2003:35]).

De acordo com Koch (2004:64-65) a interpretação de uma expressão anafórica, nominal ou pronominal consiste não em localizar um segmento lingüístico (antecedente) ou um objeto específico no mundo, mas em estabelecer uma relação com algum tipo de informação presente na memória discursiva.

Tal *posição* implica dizer que a língua não se esgota no código, nem pode ser concedida como sistema de comunicação excepcionalmente informacional. Textualizar o mundo através da linguagem não é um simples processo de elaborar informações, vai além, requer a (re)construção interativa do próprio real. *Todo discurso constrói uma representação que opera como uma memória compartilhada (memória discursiva ou modelo textual), "publicamente" alimentada pelo próprio discurso.* (Apothelóz e Reichler-Béguelin 1999). As sucessivas escolhas feitas pelos interlocutores são sustentadas pela memória discursiva, em particular as escolhas das expressões referenciais. Os interlocutores durante o uso das formas lingüísticas (simbólicas) manipulam a própria percepção da realidade de maneira significativa. Desta forma, posição dessa natureza demanda que se estabeleça uma distinção entre as categorias: *referir*, *remeter* e *retomar* que se sustentam por uma subordinação hierárquica:

- (a) a retomada implica remissão e referenciação
- (b) a remissão implica referenciação e não necessariamente retomada
- (c) a referenciação não implica remissão pontualizada nem retomada

Então, se a referenciação abrange as operações dos elementos designadores, a progressão referencial, seja de qualquer tipo, será baseada em algum tipo de referenciação, não importando se os mesmos elementos são recorrentes ou não. Para Marcuschi e Koch (2000:8), *referir* é uma atividade de designação realizável com a língua sem implicar uma relação especular língua mundo; *remeter* é uma atividade de processamento indicial na co(n)textualidade e *retomar* é uma atividade de continuidade de um núcleo referencial, seja numa relação de identidade ou não. Ressalta-se que a continuidade referencial não implica referentes sempre estáveis nem identidade entre referentes.

A interpretação de expressão anafórica uma vez estabelecida na memória discursiva, os conteúdos produzidos são integrados junto com os conteúdos lingüísticos validados, por isso, a suscetividade de anaforização. O uso de elementos anafóricos caracteriza-se por um fenômeno complexo de retomada informacional, porque há uma

intervenção do saber construído lingüisticamente pelo próprio texto e, os conteúdos inferenciais que, por sua vez, são calculados a partir de conteúdos lingüísticos são tomados como premissas advindas de conhecimentos lexicais ligados aos conhecimentos de pré-requisitos: enciclopédicos e culturais. Assim, na memória discursiva, as estratégias de referenciação envolvem as operações básicas:

1. *ativação ou construção*: pelo qual um referente textual até então não mencionado é introduzido, passando a preencher um nóculo (“endereço” cognitivo, locação) na rede conceptual do modelo de mundo textual: a expressão lingüística que o representa permanece em foco na memória de trabalho, de tal forma que o referente fica saliente no modelo.

2. *reativação ou reconstrução*: um nóculo já introduzido é novamente ativado na memória operacional, por meio de uma forma referencial, de modo que o referente textual permanece saliente (o nóculo continua em foco).

3. *de-ativação ou desfocagem*: ativação de um novo nóculo, deslocando-se a atenção para um outro referente textual e desativando-se, assim, o referente que estava em foco anteriormente. Embora fora de foco, porém, este continua a ter um endereço cognitivo (locação) no modelo textual, podendo a qualquer momento ser reativado, ou seja, permanece no ‘horizonte de consciência’ dos co-enunciadores. (2003:11).

A repetição constante desses procedimentos ou operações ocasiona a estabilização, por um lado, do modelo textual; por outro lado, no entanto, ele é continuamente elaborado e modificado por meio de novas referências (SCHWARZ, 2000 [2007]). As locações cognitivas já existentes podem ser constantemente expandidas, de modo que, durante o processo de compreensão desdobra-se uma unidade de representação extremamente complexa, devido ao acréscimo sucessivo e intermitente de novas categorizações/ou avaliações acerca do referente. (Koch 2004:63).

Se, por um lado, o modelo textual ou memória discursiva é continuamente elaborado e modificado por meio de novas referências, por outro lado, o processamento textual se desenvolve numa constante oscilação entre dois movimentos: *projetivo e retrospectivo*, respectivamente movimentos para frente e para trás. Pode-se dizer, então, que a progressão textual acontece na base do já dito, do que será dito e do que é sugerido, que se co-determinam progressivamente.

4 Progressão tópica

Sendo o tópico entendido como uma unidade do discurso, Marcuschi (1999) adota a noção de tópico de Van Dijk, (1977) vista como *tema discursivo*. Assim, não considera necessária a divisão entre dado e novo, pois numa unidade global o tópico se consolida como tema. Melhor dizendo, como postula Brown e Yule, (1983) *aquilo sobre o qual se está falando no discurso*. Neste sentido, o tópico fica na dependência de um processo colaborativo que envolve os participantes do discurso oral no ato de comunicação, portanto, a evidência da não necessidade de identificação entre tópico e comentário. *Para estes autores a noção de tópico está relacionada às representações do conteúdo, que se organizam de forma vertical (hierárquica)*. (grifo nosso).

Deste modo, no discurso oral, por exemplo, o tópico é desenvolvido

interativamente, podendo se introduzir novos tópicos, se resgatar tópicos anteriores, reformular tópicos, passar de um tópico em andamento para um novo tópico, fazer uso de repetições, digressões, hesitações, sem com isso quebra a coerência do discurso. Sendo assim, a noção de tópico permite tratar de mais aspectos, como o da continuidade e descontinuidade tópica em termos mais globais. Essa noção de tópico discursivo admite abranger fenômenos tipicamente discursivos como as interrupções fundadas em estratégias de manipulação tópica. Para Koch (2004: 97), um texto falado ou escrito, compõe-se de segmentos tópicos² que podem ter uma relação direta ou indiretamente com o tema ou tópico discursivo e sempre que introduzido se mantém por certo tempo, depois, um novo segmento tópico é introduzido.

O tópico discursivo identifica-se com a questão de interesse imediato, tem por utilidade descrever o conteúdo sobre o qual se fala e sinaliza a perspectiva focalizada. Assim, no contexto, ele é visto como uma categoria analítica abstrata, de base textual discursiva, ou seja, relaciona-se com o plano global de organização do texto, uma vez que, em uma única conversa, os participantes podem desenvolver vários temas e, logo, vários tópicos, sendo possível abstrair-se do evento uma dada organicidade, expressa na distribuição dos assuntos.

Deste modo, Koch (2004: 97) enfatiza a progressão tópica e sua relação com a manutenção e mudança tópica:

A progressão tópica pode ser feita de maneira contínua ou descontínua. Isto é, após o fechamento de uma seqüência tópica, tem-se continuidade, quando ocorre a manutenção do tópico em andamento ou, então, mudança tópica (*shift*); caso ocorra uma quebra ou ruptura antes do fechamento de um segmento tópico, tem-se a descontinuidade tópica, provocada pelo que se costuma denominar de segmentos ruptores ou digressões (2004:97).

5 Construção da anáfora indireta nominal

A anáfora indireta (AI), de modo geral, é constituída por expressões *nominais* definidas, indefinidas e por *pronomes* interpretados no âmbito da referenciação sem que haja correspondência a um antecedente ou subseqüente explícito na fala. Constituí, portanto, uma estratégia endofórica³ de ativação de referentes novos, caracterizando um processo de referenciação implícita. (Marcuschi, 2005:58).

A AI representa um desafio teórico que obriga as investigações sobre anáforas a serem repensadas, ao mesmo tempo, o abandono das noções estreitas do conceito de anáfora. Schwarz (2007:7) entende que "*indirect anaphors*" are definite NPs which have no explicit antecedent in the text but which are linked to some previously mentioned element (i.e. anchor) by a cognitive process.

Considerando que as referências textuais se constituem no processo discursivo e que muitos dos referentes são considerados objetos-de-discurso dentro do modelo

² Pode ser entendido como cada conjunto de enunciados tematicamente centrados que se localiza num determinado ponto do evento comunicativo ou no dizer de Jubran et alii (1992: 363) "unidades discursivas que atualizam as propriedades do tópico".

³ A remissão no interior do texto tem sido vista geralmente como fenômeno de referencia endofórica (HALLYDAY E HASAN, 1976). Distingue-se, por vezes, entre anáfora e catáfora. (...) Através da remissão anafórica, estabelecem-se cadeias coesivas ou referenciais (...) (KOCH, 2003:50-51).

textual, a AI será entendida como caso de progressão referencial multilinear não direta, mesmo que não haja o vínculo da retomada entre a AI e o co-texto, porque haverá um vínculo coerente que persistirá na continuidade temática, não comprometendo a compreensão. Diante disso, Marcuschi (2005) atribui a AI um caso de referência textual, ou seja, de construção, e de ativação (indução) de referentes no processamento textual/discursivo o que exige atenção cognitiva no caso da fala, uma vez que é conjunta entre os interlocutores em dado processamento situacional (local). Assim, através da análise das AI poderá se verificar que elas não dependem de uma congruência morfosintática nem da reativação de referentes já explícitos.

O tipo de anáfora nominal que vamos analisar baseia-se em representações conceituais ou relações cognitivas encapsuladas em modelos mentais: *frames ou enquadre, cenários, esquemas, scripts*, etc que concebem focos implícitos armazenados na memória de longo prazo como conhecimentos de mundo organizados. Necessariamente, não estão ligadas a itens lexicais, porém podem ser ativadas por eles. Sendo assim, trata-se de uma ampliação de conhecimento semântico.

Na situação de diálogo em análise tem por tópico conversado: *A contratação do ônibus* que ativa o *frame excursão* que é partilhado pelos interlocutores. Tal *frame* evoca focalizações (significações) diferenciadas e está ligado a uma expressão lexical que ativa o conhecimento de mundo para adequar a informação discursiva ao contexto de fala. O conhecimento de mundo ativado na memória episódica por meio de inferências que pode adequar e estabilizar significações no contexto de fala.

[Na situação de diálogo que segue, os informantes encontram-se reunidos à noite em um acampamento, num sítio, no interior de São Paulo. A conversa é entre duas adolescentes. Falam sobre vários assuntos e em determinado momento, quando se referem ao ônibus de excursão que havia trazido os adolescentes do Rio que se uniram com os de São Paulo neste acampamento, fazem os seguintes comentários:]

L2 éh agora ... vamos começá o Frits puta aquela parte matou

[

L1 por que será que o Fabian

usou ...como é que era? ...

L1 e L2 usou calça jeans na cachoeira

L1 é por que será que Manaus só manda pepino pra gen::te ((risos))

L2 por que /como que a :: lavoura estragou

L1 e L2 faltou abóbora ... ((ruídos))

L2 Puta cara mó comédia ...

L1 tinha varias engraçadas porque **o ônibus do Rio desmonta porque foi contratado pelo**

[

L2 éh

1406

[

L2 legos

[

L1 mas você sabe porque que foi /que eles fez o 1406? a **Julia me contou que o Padre Marcelo ligô e :: contratô o ônibus e nem foi ver o ônibus ligô e contratô nem quis sabê tá ligado? por isso que falaram que foi contratado pelo sistema 1406**

L2 esse ônibus aqui ainda bem que a gente já conhece ... Edgard

(Situação de diálogo 8: p. 62-63)

Para entender a contratação do ônibus por telefone através do número 1406 e a associação feita no nível cognitiva pelos adolescentes, é preciso remeter a um contexto sócio-cultural do nosso momento histórico. Sabe-se que alguns canais de TV vendem vários produtos pelo nº telefônico 1406 (sistema eletrônico de vendas) e em geral estes produtos não deixam satisfeitos seus clientes quando os recebem pelo correio. Este exemplo permite que se relacionem os processos de categorização à dimensão social. Deste modo, os processos cognitivos relacionam-se diretamente com a atividade sócio-histórica dos indivíduos, não são apenas atividades de operação sobre percepções sensoriais.

Nesta unidade de fala, o *frame* "excursão" é ativado e estabelece relações cognitivas com uma expressão lexical: *tinha varias engraçadas porque o ônibus do Rio desmonta porque foi contratado pelo 1406* no co-texto de fala em que os interlocutores ativam, por meio dela, os conhecimentos de mundo armazenados na memória de longo prazo. É este conhecimento que fornece a interpretação adequada para o contexto. Nota-se que após ser proferida esta expressão, um dos interlocutores introduz um pequeno comentário **leigos**, que parece demonstrar não ter entendido "o ônibus ser contratado pelo 1406", o que ocasiona a explicação dada pela outra informante: *mas você sabe porque que foi /que eles fez o 1406? a Julia me contou que o Padre Marcelo ligô e :: contratô o ônibus e nem foi ver o ônibus ligô e contratô nem quis sabê tá ligado? por isso que falaram que foi contratado pelo sistema 1406*. Após esta explicação a mesma informante que proferiu *leigos* anteriormente, diz *esse ônibus aqui ainda bem que a gente já conhece* demonstrando ter entendido. Assim, a co-construção do sentido vai ganhando estabilidade e desencadeia a progressão referencial e tópica.

A âncora representada pelo SN "excursão" não é explicitada no co-texto, se encontra na situação de enunciação que desencadeia estes tópicos de fala, levando para o co(n)texto, elementos que englobam o *frame* "excursão" como: *porque o ônibus do Rio desmonta porque foi contratado pelo 1406/ esse ônibus aqui ainda bem que a gente já conhece / ele era da Urumpunga/ vai em todas as peregrinações/ éh só não foi pra Salvador .../ éh:: eu também não.../ também com esse ônibus aqui ir pra Salvador .../ aquele ônibus lá era enorme meu... aquele ônibus era muito bom tinha dois motorista.*

5 Construção da anáfora indireta pronominal

Este é um caso específico de referenciação textual, trata-se de construções anafóricas com pronomes de terceira pessoa sem antecedente explícito no co-texto. Neste caso, não há uma atividade remissiva nem de retomada. Caracteriza um caso especial de anáfora com subtipo, por isso, a necessidade de ser estudada num novo item.

A anáfora esquemática designada de (AE) foi introduzida e desenvolvida por Marcuschi (2000) e abrange um estudo significativo das anáforas pronominais sem antecedentes. Marcuschi (2005) considera a AE como um dos casos específicos de anáfora indireta. Assim, denominaremos esse caso de Anáfora Indireta Esquemática (AIE). Este tipo de anáfora é mais produtivo na fala, são, geralmente, pronomes que não são retomados por referentes anteriormente introduzidos, mas que são ativadores de novos referentes que se baseiam em elementos prévios do discurso.

Marcuschi (2000) atribui a AIE a seguinte estratégia de referenciação: *progressão textual como construção referencial por inferência baseada em representações mentais sem retomada nem correferenciação*. Neste caso, a diferença da AIE reside no fato de não ocorrer uma atividade remissiva nem retomada. Não há a relação de *anaforizante* e *anaforizado* para a presença de uma anáfora como postula Milner (1982, [2003:110]).

Não há explicações no código para esse tipo de anáfora (na visão tradicional são consideradas agramaticais e não estudadas pelos gerativistas). O fato peculiar explorado por Marcuschi de tal anáfora é não possuir um antecedente explícito no co-texto, e ser construída por pronomes de terceira pessoa. Ela surge da necessidade de considerar os processos cognitivos na construção referencial anafórica por intermédio de representações mentais ou esquemas cognitivos - espaço gerado no contexto discursivo com objetivos bem específicos.

Além desta observação, o pronome *ele* pode oscilar em *singular* e *plural* e *masculino* e *feminino*. A forma *eles* apresenta restrições morfossintáticas no uso correferencial, porém, seu uso porta uma característica referencial coletiva, na qual não há como identificar gêneros (*eles/elas*). Esse pronome sugere uma coletividade, mas de indivíduos de algum modo discretizados, identificáveis⁴ e que não são genéricos nem indefinidos. E é por meio de inferências que haverá a identificação desta coletividade.

O exemplo aqui analisado trata-se de um caso específico e tomam como ponto de partida uma situação de enunciação, apresentada no contexto de fala para construir as relações cognitivas encapsuladas em modelos mentais (*frames e scripts*) e esquemas cognitivos os quais representam focos implícitos armazenados em nossa memória de longo prazo enquanto conhecimento de mundo.

[Nesta situação de diálogo, dois adolescentes da região norte de São Paulo,

⁴ Exemplo: *Ontem à noite estive num concerto. Eles (os músicos) tocavam a 9ª Sinfonia.* (...) os músicos podem ser homens ou mulheres e não se sabe quantos (...) O que se tem são características de indeterminação, coletividade e virtualidade, embora não seja uma identificação simplesmente genérica.

(do tipo: alguém), pois são indivíduos identificáveis. O curioso no caso do estatuto da referenciação coletiva do *eles*, segundo Kleiber (1994:173), é que o *eles* tem uma característica que torna seus referentes uma só vez indeterminados e determinados, pois embora não sejam discretizados (contingentes), também não são genéricos (são identificáveis). (MARCUSCHI, 2000:206).

conversam sobre possibilidades de vagas nas escolas e da necessidade do estudo hoje]

L2 éh Estive você vai estudar esse ano ?

L1 eu pretendo né? segundo:: éh :: **o pessoal** lá da escola ... segundo **eles/eles** disseram que ia te vaga pra mim se eu fosse no caso amanhã que eu fui ontem né?... dia 10 / ontem não segunda dia 10 e **eles** éh:: falaram que era dia 20 dia 20 não dia 13 né? ...

L2 ah eu vou fazer o segundo esse ano i:: tava querendo parar já não tô agüentando ir pra escola

[

L1 ah

pará não meu cê é doido se pra arrumar emprego hoje ...com estudo tá difícil imagina você sem estudo e no caso tô me ferrando aí eu tô na sétima tô/ sétima série mas voltando ao assunto éh no caso dia 13 éh:: amanhã o dia que eu vou te que ir lá tentá vê se sobrou alguma vaga fazer ...uma matricula né? (Situação de diálogo 8, p. 64)

Neste exemplo temos a ativação de um *frame em contextos institucionais* através do qual, entidades possuem identificação genérica ancorada no co-texto por um antecedente não correferencial. O tópico conversado é *A importância do estudo* contextualizado num *frame "escola"* – modelo mental que cria o contexto institucional. É nele que está o referente que sustenta a continuidade referencial e tópica. Trata-se de uma anáfora indireta pronominal concebida por *eles* que remete a esta entidade ou instituição *escola* de forma genérica, uma vez que a âncora no co-texto é representada por um termo genérico *o pessoal da escola* e pode identificar os indivíduos implícitos que compõem tal instituição, permitindo a referenciação e a construção implícita destes indivíduos. Desta forma, há uma indução referencial fundada em aspectos do co-texto e em modelos cognitivos, supondo partilhamento entre os adolescentes.

Pelo *frame "escola"*, então, sabemos que estes indivíduos enquadram se na instituição escolar, e supomos que sejam: *diretor, assistente de diretor, professores, secretária(o), inspetor(a), etc.*

6 Considerações finais

A construção referencial apresenta uma referenciação induzida e sugerida no discurso sem remissão pontualizada nem retomada e correferenciação, parece ser o caso da anáfora indireta nominal analisada em que os conhecimentos de mundo organizados, bem como a ativação da linguagem e do pensamento durante a atividade situada são cruciais para a identificação da AI e para continuidade tópica. A criação de espaços cognitivos geram a identificação do antecedente da AI nominal, devido aos falantes possuírem parte da informação interiorizada para realizar a referenciação eficaz a cada atividade situada, uma vez que o discurso é sustentado pelo conhecimento partilhado.

Quanto a AI pronominal, a forma *eles* apresenta restrições morfossintáticas no uso correferencial, porém, seu uso porta uma característica referencial coletiva, na qual

não há como identificar gêneros (*eles/elas*). Este pronome sempre sugere uma coletividade de indivíduos de algum modo discretizados, identificáveis e que não são genéricos nem indefinidos, pois, somente por meio de relações cognitivas encapsuladas em modelos mentais e inferências se fará sua identificação. A contribuição da pesquisa oportuniza rever as relações entre pragmática e cognição e, conseqüentemente, acaba por exigir análises mais específicas de relações entre os modelos mentais e o funcionamento semântico da língua, levando também a reflexões mais apuradas sobre as noções de língua, categorias, referência, inferência, fala e coerência.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

APOTHÉLOZ, D. & D. DUBOIS Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, A. e M-J RECHLER-BEGUELIN (eds.) **TRANEL**, nº 23, 1995. p.227-271.

BERRENDONNER . A e M. -J. REICHLER-BEGUELIN (eds.) Du syntangme nominal aux objets-de discours. SN complexes, nominalisations, anaphores. Neuchâtel, Institute de linguistique de l'Université de Neuchâtel .**TRANEL**, nº 23, 1995

BROWN, G. E. e Yule, G. (1983) **Discouse Analysis**. Cambridge: Cambridge University Press

HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. **Cohesion in English**. London:Longman, 1976

JUBRAN, C.C.A.S. - URBANO, H. Organização tópica da conversação, em R. Ilari (org.), **Gramática do Português Falado**, 1993, p.357-400.

KLEIBER, G. (1994) Anaphores et pronoms. Louvain, Duculot

KOCK, I. V. **O texto e a Construção dos Sentidos**. São Paulo, Editora Contexto, 2002

_____ **Linguística textual: Quo Vadis?** **DELTA**, n.17 , n.Especial, 2001, p. 11-23

_____ **Introdução à Linguística textual**. São Paulo, Ed. Martins fontes, 2004

_____ **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo, Ed. Contexto, 6ª ed., 2003

KOCK, I. V , MORATO, E. M. e BENTES, A. C. (orgs) **Referenciação e Discurso**. Sã MARCUSCHI, L. A Referenciação e Progressão Tópica: aspectos cognitivos e textuais. In GELNE – **XVII Jornada do grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste**, UFC, Fortaleza: setembro de 1999.

_____ **Processos de Referenciação na Produção Discursiva**. São Paulo: **Revista DELTA**, vol. 14, nº especial, 2000, p.169-190.

_____ **Atos de referenciação na interação face a face**. In: **Cadernos de estudos Lingüísticos 41**, 2001, 37-54.

_____ e KOCH, I. V. **Estratégias de Referenciação e Progressão Referencial na Língua Falada**. In **Gramática do Português Falado**, (orgs) ABAURRE, M. B. e RODRIGUES, A. C. S., v.VIII, Campinas, UNICAMP, 2002, p. 31-56

_____ **A Anáfora Indireta: o barco textual e suas âncoras**. In **Referenciação e Discurso**. (orgs) KOCK, I. V , MORATO, E. M. e BENTES, A. C., São Paulo: Contexto, 2005.

MILNER, J-C. **Ordres et Raisons de langue**. Paris, Seuil, 1982

_____ Reflexões sobre a referência e a correferência. Tradução: In **Referenciação**. (Orgs) CAVALCANTE, M. M., RODRIGUES, B. B. e CIULLA, A., São Paulo: Contexto, 2003.

MONDADA L. e DUBOIS, D. Construção dos objetos do discurso: Uma abordagem dos processos de referenciação. Tradução: In **Referenciação**. (Orgs) CAVALCANTE, M. M., RODRIGUES, B. B. e CIULLA, A., São Paulo, Ed. Contexto, 2003

_____ Construction des objets de discours et categorisation: une approche des processus de référence. In: BERRENDONNER, A. e M. J. REICHLER-BEGUELIN (eds) **TRANEL 23**, 1995, p. 273-302

_____ **Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir. Approche linguistique de la construction des objets de discours**. Lausanne. Université de Lausanne, Faculté de Lettres. Thèse pour obtenir le grade de docteur en lettres (671pp.), 1994

_____ Gestion du topic et organisation de la conversation. In KOCH, I.G. I & MORATO, E. M. (orgs). **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, 41, 2001, p. 7-36

VAN DIJK, T. A. **Text and context**. Londres, Longman, 1977

YULE, G.: Interpreting anaphora without identifying reference. In **Journal of semantics** 1/4, 1982, 315-322